

WLADEMIR DIAS-PINO

A MÁQUINA

ou a coisa em si

EDIÇÕES
igrejinha
CUIABÁ
1955

para

L a u r a

minha

mãe

Que pluma esses dentes
da engrenagem até ao tédio
tamanho mapa, mapa de ferro
ruminando que raiva igual
tôda andaime logo de febre
e também aço outras coisas
quase humana, quase hélice.

Que chocalho incessante
como odores de madeira
já orelhas, antes beiços,
cera daquela mesma
daquele jeito encolhida
de números outros vamos,
mas quadrada mola vê-se
um triângulo ao total
esqueleto limado e sempre
— calendário que se viu — de susto
e o peso do cálcio arrepiava

como a fábula parada
ou também calor de asas
e todos, todos sabem, perto
de início da solidão
e a queimadura em todos
estas, as sombras abertas
como as sombras fixas
ou a ressonância dos fundos
com seus paralelos de espelhos
com o hálito das imagens
dos encontros nas que
à procura da casca
pêndulos já outros há de sombra
quando a forma espalhada
da rosa que retalha o tempo
e contorna esse triste animal,
este nosso signo, teu signo
como a crosta do abismo
e o poema sempre grisalho

como o animal lambendo
dia e noite seu pêlo próprio
das aspas, digo-te, de aspas
e das consoantes dos vértices
de sua sede — seu soluço —
seus fins, princípios, fim,
só aduncas barbatanas
escorrida das origens
por asas de pentes, tendo outros pentes
de intercalação de espelhos
tudo isso quando rente, seus rentes
como a música e a lembrança
o colorido quanto e o mais
da obsessão e o próprio mais.

Escala de números paralelos
de agudos e mais cacoetes
nas fibras desse (teu) ar
como uma quanto fôlha
ó armação de calendário
ventríloco de muitas vêzes
elaborando remos que sopram
e é o mesmo bôjo quadrado
outras de saber-se grades
do que se via mata-pulgas
e por isso assomos cruzados
por vêzes trevo giratório
angústias e áses abertos.

Quando peça, torre de Xadrez
no mais de jardim mecânico
como a claridade das formigas
nos fianais das coisas.

Duras (quem sabe?) repartida
cortada de sins, é o sôbre
aos mais unânime de sino, sino
parafuso — sim — calo, bandeira.

II

Perfil é como o tempo
e a cal do cansaço
unânime e poroso
que envelhece a dor
e amarga a ruga
o suor essa amassada resina.

Perfil todos seus sons
seus riscos, seus achados
sua tatuagem negra
suas dobras, seus rentes
como o contôrno do som
como a letra se exprime.

III

Diga-se apuros de mãos abertas
considerando-se onde bicos
contando ali uma viagem
que são as coisas do seu lado leve
leve como qualquer bôca
provando vêzes pulso
por latejar lisos ossos
onde aplaina o tempo
mercúrio e sondagem de si

em que ilustração de lenda
daí os bigodes de tinta,
tutano, sempre crespo, tutano
fervendo por certo íntimo
como essas longas cartas
coisas de ventas crespas
sem quebrar ao menos
sua mansidão de ave
mas, contido como sumo
como espêso no número
no centro britando umidades.

IV

Vê-se urgência de resinas
como seu colorido adivinha-se
demais seu dorso de gaita
como estranho crocodilo
calcando seus à beira-sonho
como a forma do cansaço
pesando líquido pesando,
— guisos tristes de palhaços?
que nos sabe enrolados
nos todo crescer de sons
de onde ponteiros, flechas
miados cavando o pensamento
pontudas temos respostas
retesados como ossos
e é de círculo suas vêzes
de tudo rôta de graxa
— uma sujeira de cais!

Agudo é o enigma transpirando
tantos queixos de chumbos e transluz
perseguido tem os dedos
tísico de constante choques
entre densas e densas pregas
e asas que muito mais consola
que mesmo muito mais vòa
são as palavras que equilibra
esses escafandro, enfim,
esse porão comendo olheiras
aos oxidadas às querenças
— a congestão da embriaguês,
as insonias que se desgastam —
sejam asmas e viradas agonias
quer búzio e os seus gêmeos sons
carcomidos ouvimos amassados
outros de interior e o metal
e êsse exercício visual.

Sem a ingenuidade do colorido
e sim números e músculos
paralelos como nodosos chifres
e mais quilhas esqueletando
imantada como sombra refletida
contínuo vento na folhagem
milimetrado no tato junto
selvagem crina de sons
(haste de palavras de lendas)
pestanas de espinhos
mãos de frases taquigrafadas
ó plural numeração de ossos
indo em cada dos cactos
monólogo mais que o metal
cintado de tristes calcanhares
amassando e picotando o tempo
colado justo ao nosso pensamento.

V

Prelo de costelas e gumes,
espátulas, conheço, de assobios
coçando as palavras e gravuras
com seus receios, pudores e gavetas
num mastigar assombrado
ó quanto corroída caligrafia
junta como penas e flexíveis
escamas em parceladas unidades
sôbre mesmo a própria origem
que são sempre-flechas, proas
desenhos abstratos de tangas
muitas frieiras e frieiras
cifrando de anzóis e cismas
por entre os nós de letras
com arco, vagalumes, testas
cascos calvos, calvos gomos

bochechas, letras do algodão
calos nas pontas do guarda-chuva
botões pilados, amassados todos
essas letras empoladas
isto ferventes meneios na testa
que ainda crispada agitação de chamas
creio mímico pedais em vincos
que restam não em níveis de espelhos
enquanto rugas de canto de bôca
(velho líquido se enrugando)
um pouco rilhando jogos vocativos
bem polvo e chão molhado
por onde precisando suas cópias.

QUÁSE ÍNDICE

Que pluma
como a
como o
Escala
Quando
Perfil
Diga-se
em que
Vê-se
Agudo
Sem a
Prelo
bochechas

Foram tidas estas páginas, desde
o dia 28 de Setembro,
na prensa manual
de "igrejinha", nesta cidade
de Cuiabá, rua 13 de Junho, 958,
próprio por
constar de 60 exemplares com
desenhos originais do mesmo autor.